

UM CURSO DE MUSEOLOGIA PARA GOIÁS: BACHARELADO EM MUSEOLOGIA DA UFG

Autores: Nei Clara de Lima (Museu Antropológico da UFG), Maria Luiza Rodrigues Souza (FCS-UFG), Marco Antonio Lazarin (FCS-UFG), Manuelina Maria Duarte Cândido (FCS-UFG)

Resumo:

Este artigo apresenta sumariamente o projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, com primeiro vestibular previsto para dezembro de 2009 e início em 2010. O curso vem atender a uma demanda antiga do estado de Goiás e demonstra a grande vitalidade da Museologia brasileira. Apresentamos aqui as razões e o amparo conceitual do projeto, além das escolhas e caminhos que fizeram parte da criação do curso.

Artigo:

No mundo contemporâneo, os museus têm tido um papel fundamental na preservação e salvaguarda dos patrimônios das sociedades. São também instituições importantes para educação da memória, através de suas exposições e das inúmeras ações educativo-culturais que realizam para divulgar as coleções preservadas em suas reservas técnicas, contribuindo para a produção e a reflexão da história, da memória e das identidades coletivas. Segundo Ulpiano Bezerra de Menezes (2005: 20) “no século XXI, os museus não serão espaços anacrônicos e nostálgicos, receosos de se contaminarem com os vírus da sociedade de massas; antes, poderão constituir extraordinárias vias de conhecimento e exame dessa mesma sociedade. Serão, assim, bolsões para os ritmos personalizados de fruição e para a formação da consciência crítica, que não pode ser massificada”.

No Brasil, é expressivo o número de instituições museológicas assim como suas especificidades temáticas. Em 2006, o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU-IPHAN, atual Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM/MinC) realizou o primeiro levantamento estatístico sobre os museus brasileiros cujo resultado identificou 2.106 instituições museológicas

com as mais diferentes temáticas: históricas, artísticas, antropológicas, científicas, tecnológicas, de caráter nacional, comunitário, regional. Na região Centro-Oeste foram mapeados 126 museus. No Estado de Goiás, um outro cadastro realizado pela Coordenação Estadual de Museus registrou a existência de 61 instituições museológicas.

Em que pese o número significativo dessas instituições que se ocupam da preservação do patrimônio e das memórias nacionais e locais, é inexpressivo o número de cursos de Museologia no país cuja estrutura curricular é voltada para a formação de profissionais especializados na gestão de bens culturais e nos saberes técnicos do campo museológico. Existem apenas doze cursos (11 graduações e um mestrado) que estão sediados nas seguintes instituições universitárias: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio (graduação e mestrado); Universidade Federal da Bahia - UFBA; Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB - Campus de Cachoeira; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Universidade Federal de Pelotas - UFPEL; Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Fundação Educacional Barriga Verde - SC - Instituição particular; Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e Universidade de Brasília (UNB), além de cursos de especialização em Museologia desativados como na USP/Museu de Arqueologia e Etnologia, UFG e UFRGS.

Esse descompasso entre o crescimento das instituições museológicas no país e a escassez de profissionais especializados na área, apontado em todos os fóruns nacionais e regionais que reúnem especialistas desse campo, seria bastante minimizado com a criação de novos cursos de Museologia, de modo a formar e a fornecer mão de obra técnica especializada para gerir as políticas voltadas à preservação e à produção das memórias coletivas, sejam elas oriundas de acervos materiais ou imateriais, históricos ou antropológicos, científicos, naturais ou tecnológicos.

Contexto Local

Em 2006, foi realizado o II Fórum de Museus Universitários Brasileiros, em Belo Horizonte, no qual foi apresentado o documento *Diagnóstico dos Museus Universitários da Região Centro-Oeste*, elaborado por uma comissão de gestores de museus universitários da região e representantes do IPHAN. Além do Centro-Oeste, as outras regiões brasileiras também produziram e apresentaram seus respectivos diagnósticos.

A pesquisa que fundamentou esses documentos detectou, entre outros aspectos, a importância das instituições museais nas universidades do país por elas se constituírem em espaços de pesquisa, além de serem laboratórios de atividades complementares de diversos cursos de graduação e pós-graduação. Segundo a especificidade de suas funções, os museus universitários ocupam-se com a pesquisa e a preservação dos mais vários tipos de acervos: etnográfico, arqueológico, zoológico, geológico, anatomia humana, flora regional, documental (texto, iconografia, registro audiovisual), artes plásticas, entre outros. Além disso, esses museus realizam cursos de especialização e atividades de extensão por meio de exposições, cursos, oficinas, simpósios e outros. Quer dizer, eles não só produzem conhecimento através da pesquisa, mas também têm um importante papel no que se refere à disseminação e popularização do conhecimento produzido nas universidades. Eles são, por excelência, espaços de ensino não-formal.

Apesar da crescente importância dos museus universitários e dos museus em geral no mundo atual, eles ainda apresentam inúmeras deficiências. Entre elas, a que mais compromete a gestão dos bens culturais e científicos é a falta de pessoal qualificado.

Para atender a uma demanda por profissionais especializados na área, o Museu Antropológico da UFG realizou, de 2000 a 2002, um curso de especialização em Museologia, vinculado academicamente à então Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da UFG que resultou na formação de 18 especialistas, inclusive de profissionais que atuam em museus no interior do Estado de Goiás. O corpo docente do curso foi composto de professores da UFG e de professores de Museologia de outras universidades brasileiras. O relatório final apresentado pela Comissão de Pós-Graduação do Departamento de Ciências Sociais para Assuntos do Curso de Especialização em Museologia recomenda a continuidade do curso o que, no entanto, não ocorreu. O Relatório de Gestão 1998-2001 do Museu Antropológico da UFG, do prof. Marco Antonio Lazarin, a propósito do curso de especialização em Museologia, também recomenda a edição de novas turmas, por ele ter “demonstrado ser um excelente campo de formação crítica a respeito de Museus, além de propiciar a capacitação de profissionais para uma área extremamente carente em Goiás”.

Considerando que no mapeamento dos museus brasileiros, realizado pelo IPHAN, as regiões Centro-Oeste e Norte não possuíam até agosto de 2009 nenhum curso de graduação em Museologia¹, mas possuem um significativo número de museus

e centros culturais, é extremamente oportuna a criação de um curso de Museologia na Universidade Federal de Goiás que viria juntar-se a estes na formação de profissionais especializados no trabalho com as diversas áreas do campo da Museologia: conservação, documentação, expografia, ação educativa, gestão e avaliação de museus.

Por certo, a regularidade de formação de pessoal especializado para um mercado carente desse quadro, assegurada por um curso de graduação, incidiria diretamente na requalificação dos museus e centros culturais dessas regiões, contribuindo para a preservação da memória, da arte e da história regionais e garantindo o caráter público das ações culturais, de modo a democratizar o direito à fruição dos bens culturais como um item importante no rol das ações de luta pela cidadania no Brasil.

Por sua vez, ao longo de seus quase quarenta anos, o Museu Antropológico se consolidou na região como uma referência no campo museológico, tanto pela riqueza de seu acervo arqueológico e etnográfico, quanto pela tradição de suas pesquisas e ações educativo-culturais. Nesta trajetória, construiu laboratórios de conservação e de arqueologia muito bem equipados, através de financiamentos de órgãos fomentadores, como Fundação Vitae e IPHAN, além de financiamentos da iniciativa privada por meio de projetos de salvamento arqueológico. Recentemente, em 2006, inaugurou a nova exposição de longa duração *Lavras e Louvores*.

Atualmente, verifica-se no Museu Antropológico uma expansão de todas as suas atividades, principalmente as que decorrem da reabertura da exposição de longa duração e da concorrência de projetos de pesquisa e de modernização de seus equipamentos e serviços em vários editais de agências de fomento. Além disso, o Museu Antropológico tem realizado inúmeras atividades em consonância com as políticas culturais e museológicas do Ministério da Cultura, como a adesão ao Sistema Brasileiro de Museus e a participação na programação do Ano Ibero-Americano de Museus. Esta expansão, que é também sua revitalização, demanda cotidianamente profissionais especializados nas diferentes áreas de conhecimento do campo museológico.

É também significativa, nos últimos anos, a demanda que o Museu Antropológico recebe para assessorar não apenas a criação de museus, mas também para qualificar os profissionais de instituições museais de várias cidades do Estado de Goiás. Na medida do possível essas solicitações têm sido atendidas por meio de consultorias de seus profissionais aos projetos de criação e organização de museus e também por meio de oficinas e cursos de capacitação oferecidos com alguma

regularidade, através de financiamentos da UFG e do então Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN. A frequência e o volume dessas demandas indicam que uma graduação em Museologia virá atender a uma carência de formação de mão de obra na área museológica bem como atenderá a uma expansão das atividades ligadas ao campo da cultura, em seu sentido mais amplo.

Esta proposta se reveste da maior importância, a se considerar as entidades proponentes: a Faculdade de Ciências Sociais e o Museu Antropológico da UFG. A primeira possui um quadro de antropólogos comprometidos com a criação desta graduação, inclusive como responsáveis pelas disciplinas de antropologia previstas na graduação em Museologia. Além disso, os antropólogos da FCS têm sido recrutados sistematicamente para dirigirem e atuarem no Museu Antropológico, desde a sua criação, em 1969.

A interação fértil que se configura entre a FCS e o Museu Antropológico cria um contexto extremamente favorável à implantação de um curso de graduação em Museologia na UFG. O curso será vinculado academicamente à FCS e funcionará nas dependências da Faculdade e do Museu. A fim de garantir a convivência intelectual profícua entre estudantes e professores de áreas afins, como Ciências Sociais, Filosofia e História, as disciplinas de cunho teórico serão oferecidas no Campus Samambaia e as de teor prático serão ministradas no Museu Antropológico, de modo que seus acervos, laboratórios, exposições e demais áreas de atuação possam se constituir em laboratórios das disciplinas práticas requeridas num curso desta natureza.

Além disso, os museus e centros culturais de Goiânia e de outras cidades do Estado de Goiás deverão também oferecer campo de estágio aos estudantes de Museologia, por meio de convênios a serem firmados entre a UFG e estas instituições museológicas. Com a reimplantação do Sistema Estadual de Museus, em fase de estruturação, as negociações entre a Coordenação do Curso de Museologia e o Sistema serão favorecidas, já que o SEM abrigará as políticas a serem implementadas nos museus e centros culturais que estiverem sob a sua coordenação e, por sua vez, realizará o diálogo com o Sistema Nacional de Museus do Ministério da Cultura.

Em médio prazo, e internamente à Universidade, o curso de Museologia viria contribuir sobretudo para o tornar o Museu Antropológico cada vez mais apto a realizar sua missão de ser uma referência no campo museológico do Centro-Oeste. Além disso, ele forneceria quadros especializados para atuarem nos espaços com vocação museológica da própria UFG, como o Planetário, a Galeria da Faculdade de Artes

Visuais, o Herbário, o Centro de Informação e Documentação Arquivística, o Museu de Morfologia do ICB, entre outros, de modo a possibilitar o exercício dessa vocação de forma cada vez mais profissional e competente.

Externamente, o significativo número de museus na região e a tendência de crescimento desse número, observada em várias iniciativas governamentais e não governamentais, associadas ao fomento do turismo regional, à produção cultural e à valorização do patrimônio, seguramente vêm requerer, em curtíssimo prazo, museólogos e técnicos capacitados para atuarem nessas instituições que, no mundo contemporâneo, cada vez mais especializam seu conhecimento, suas técnicas de disseminação desse conhecimento e refinam sua reflexão sobre o campo da Museologia, do patrimônio e da cultura.

Referencial teórico:

O presente currículo toma por base o conceito da Museologia como campo das Ciências Sociais Aplicadas e o museu a serviço da sociedade. Como documentos básicos para a compreensão do papel social dos museus e destes como canais de comunicação e educação podemos mencionar:

Documento final do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958)

Declaração de Santiago, documento elaborado ao final da Mesa-Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina (Santiago do Chile,– 1972)

Declaração de Quebec, documento com os Princípios de Base de uma Nova Museologia, carta inaugural do MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Quebec, 1984)

Declaração de Caracas, documento final do Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios” (Caracas, 1992)

Além desses documentos, há um olhar atento para a produção do Conselho Internacional de Museus (ICOM), notadamente seu Comitê para Teoria Museológica (ICOFOM), a produção brasileira oriunda dos diversos cursos de Museologia em nível de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu* e as publicações em língua portuguesa como os Cadernos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e, mais recentemente, aquelas organizadas pelo antigo Departamento de Museus do IPHAN (DEMU/IPHAN), atual IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

Dentre as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus destacamos o Estatuto de Museus como uma das balizas norteadoras do modelo de formação proposto, ao compreender a necessidade dos cursos de Museologia de preparar profissionais capazes de conduzir os museus neste processo de adequação às exigências contemporâneas, entre as quais podemos destacar a elaboração e implementação de Planos Museológicos.

Em relação à escolha de disciplinas tomamos por base epistemológica a existência de uma Museologia Geral, uma Museologia Especial e uma Museologia Aplicada (Lewis *in* MuWoP/DoTraM, 1981: 74). Entendemos que a formação em nível de graduação deva permitir ao aluno compreender seu papel em diferentes tipologias de museus e, futuramente, enquanto profissional, se adaptar a um mercado de trabalho formado por uma imensa diversidade de modelos museológicos, processos de musealização e naturezas de acervos. Por estas razões, centramos o alcance da formação especialmente na Museologia Geral e na Museologia Aplicada. A Museologia Especial, que se refere a diferentes textos e contextos museológicos, ou seja, naturezas específicas de museus e realidades sociais (contextos) também distintos, será experimentada nas visitas técnicas e estudos de caso realizados ao longo de todo o curso, mas com mais profundidade, nas escolhas individuais do aluno, como estágios, disciplinas de Núcleo Livre e pesquisa para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Na Museologia Geral contemplamos disciplinas ligadas à Teoria Museológica, à História dos Museus e à Administração de Museus. No que se refere à Museologia Aplicada, há uma carga igualmente distribuída entre Salvaguarda (Conservação / Documentação) e Comunicação Patrimoniais (Expografia / Ação Educativo-Cultural) e também entre o Planejamento e a Avaliação dos museus ou processos de musealização. Estas disciplinas são a espinha dorsal da proposta curricular, considerando que se inserem no chamado Campo Essencial da Museologia, sendo as demais disciplinas uma proposta de tocar também no Campo de Interlocução e no Campo de Projeção da Museologia (Bruno, 2004), mas sem perder de vista sua especificidade, enquanto estudo da relação específica entre o homem e o objeto em um cenário (Rússio, *in* MuWoP/DoTraM, 1981).

Perfil dos Formandos

O bacharel em Museologia deverá estar apto a atuar no campo da Museologia com as seguintes atividades:

- planejamento, organização, administração, direção e supervisão de museus e processos de musealização;
- realização de exposições e outros serviços de caráter educativo-cultural;
- organização e gestão de acervos e coleções públicos e privados;
- realização de pesquisas museológicas para instituições públicas e privadas;
- participação em equipes interdisciplinares para tombamento e/ou registro de bens culturais em instrumentos específicos;
- gestão do patrimônio cultural;
- pesquisa e ensino de Museologia em instituições de ensino superior.

A estrutura do curso na UFG:

O curso de graduação em Museologia será realizado na modalidade bacharelado, com aulas presenciais, teóricas e práticas. Pertencerá à área de Ciências Sociais Aplicadas e será academicamente vinculado à Faculdade de Ciências Sociais, onde terão lugar suas aulas teóricas. As aulas de conteúdo prático serão ministradas nas dependências do Museu Antropológico e nos espaços com vocação museológica da UFG. Esses espaços da UFG, bem como outros museus vinculados ao Sistema Estadual de Museus se constituirão em campo de estágio do estudante de Museologia, a fim de que ele possa aperfeiçoar seus conhecimentos museológicos em diferentes tipologias de museus. A carga horária total do curso será 2.768 horas, distribuídas em disciplinas de núcleo comum, núcleo específico e núcleo livre. O egresso do curso será habilitado como Bacharel em Museologia. O curso será oferecido preferencialmente no período noturno, com 50 vagas que serão preenchidas mediante seleção anual.

O curso de graduação em Museologia prevê um conjunto de disciplinas teóricas e práticas que deverão estar articuladas sem hierarquização na matriz curricular, de modo a garantir que, no exercício profissional, o museólogo não separe suas atividades práticas da reflexão sobre elas e sobre o lugar que ocupa no campo do conhecimento da vida coletiva. Assim, os conteúdos práticos e teóricos serão distribuídos nas disciplinas de núcleo comum Núcleo Comum (NC), Núcleo Específico (NE), Núcleo Livre (NL) e Estágio Curricular.

Além da articulação incondicional entre teoria e prática, a matriz curricular do curso prevê um número significativo de disciplinas, a serem oferecidas pela Faculdade de Ciências Sociais e por outras Unidades Acadêmicas da Universidade Federal de Goiás, a fim de garantir a interdisciplinaridade na formação do museólogo,

indispensável para atender a pluralidade das formas do fenômeno museológico no mundo atual.

As disciplinas de formação oferecem conteúdos humanísticos gerais e outros especificamente ligados à identificação, análise e estabelecimento de procedimentos técnicos e científicos para a qualificação da relação da sociedade com sua herança cultural. No que diz respeito ao campo essencial da Museologia as disciplinas distribuem-se em:

- Museologia Geral (Teoria Museológica, História dos Museus, Administração de Museus);
- Museologia Especial (Texto e Contexto Museológicos);
- Museologia Aplicada (Salvaguarda, Comunicação, Planejamento e Avaliação).

É pelo domínio desses conteúdos que a atuação e a reflexão do museólogo tomarão corpo e se concretizarão em ações museológicas significativas para a sociedade, tanto as que dizem respeito à preservação de bens culturais e naturais, quanto à extroversão desses bens, através de exposições e ações educativo-culturais.

Quadro de Disciplinas

Na UFG, as disciplinas chamadas de Núcleo Comum são as que fornecem a formação profissional do campo, no caso, Museologia, e são todas obrigatórias. Estas disciplinas deverão garantir a formação de habilidades capazes de permitir ao museólogo o domínio do seu campo de conhecimento. São elas:

Patrimônio, Memória e Identidade

História dos Museus

Introdução à Museologia

Museologia I

Museologia II

Museologia III

Museologia IV

Salvaguarda Patrimonial I – Documentação Museológica

Salvaguarda Patrimonial II – Conservação Preventiva e Segurança

Salvaguarda Patrimonial III - Registro e Sistemas de Gerenciamento da Informação Aplicados a Museus e Patrimônio

Salvaguarda Patrimonial IV – Práticas Laboratoriais de Conservação Preventiva

Comunicação Patrimonial I – Ação Educativo-cultural

Comunicação Patrimonial II – Expografia
Comunicação Patrimonial III - Práticas de Educação Não-formal Aplicadas a Museus
Comunicação Patrimonial IV – Projeto e Montagem de Exposição
Texto e Contexto Museológico - Visitas Técnicas e Diagnósticos
Princípios de Organização e Gestão Aplicados a Museus
Planejamento e Avaliação de Instituições Museológicas
Estudos de Público e Avaliação
Espaços Museais e Arquitetura de Museus
Museologia – Interfaces Disciplinares
Seminários de Pesquisas em Museologia
Metodologia da Pesquisa Aplicada à Museologia
Trabalho de Conclusão de Curso
Estágio Curricular I
Estágio Curricular II

As disciplinas de Núcleo Específico podem ser compartilhadas com outros cursos e podem ser obrigatórias ou optativas. Listamos a seguir as disciplinas de Núcleo específico, sendo as cinco últimas optativas. O aluno deverá cursar pelo menos três destas cinco disciplinas optativas:

Introdução à Antropologia
História, Memória e o Patrimônio Mundial
Antropologia das Expressões Estéticas
História do Brasil
História da Arte I
Teorias do Objeto e Estudos de Cultura Material
Tópicos Especiais em Museologia I – Museologia Aplicada a Acervos²
Antropologia e Museus
História e Patrimônio de Goiás
Preservação e Políticas Públicas no Brasil
Legislação Patrimonial e Ética
História da Arte II
Museologia e Arte Brasileira
Tópicos Especiais em Museologia II
Processos de Musealização, Turismo e Desenvolvimento

Patrimônio Natural, Científico e Tecnológico

Todas as disciplinas listadas possuem 64h/aula. Não cabe aqui apresentar a ementa delas, mas a seguir apresentamos um quadro de sua distribuição por semestre. A UFG possui um tipo de disciplina chamado Núcleo Livre que pode ser escolhido por alunos de qualquer curso (no mínimo dois Núcleos Livres por aluno), e pensamos que por seu intermédio o aluno possa aprofundar temas que considerar pertinentes aos seus interesses específicos dentro da Museologia que não foram contemplados na grade ou nos quais ele pretenda se especializar. Assim, será possível cursar como Núcleos Livres disciplinas em quaisquer outros cursos, com enfoques específicos, por exemplo, em iluminação, informática, estatística, comunicação visual, entre outros.

A carga horária em disciplinas de Núcleo Comum (NC) é de 1.664h/a e, em Núcleo Específico (NE), 896h/a.

O estágio é um requisito parcial para a integralização curricular do bacharelado em Museologia, com 128 horas distribuídas em duas disciplinas de 64 horas, sendo cada um deles realizado em uma instituição museológica da cidade de Goiânia. Os espaços museais e/ou com vocação museológica da UFG serão locais preferenciais de realização do estágio, mas também outros museus e centros culturais, vinculados ao Sistema Estadual de Museus, que se encontra em fase de reimplantação. Para tanto, já se encontra em negociações a possibilidade de realizar convênios com essas instituições, mediados pelo Sistema. Essa ampliação do campo de estágios para fora da Universidade tem o objetivo de fornecer ao graduando um leque maior de experiências museais, de modo que ele possa conhecer as distintas tipologias de museus, criando assim opções variadas para a sua especialização profissional. Por esta razão, a indicação é que cada estágio seja feito em uma instituição diferente ou em setores diferentes de uma mesma instituição.

As atividades do estágio serão orientadas e supervisionadas por um professor do curso de Museologia, responsável pelo estágio, e por um profissional de museus, na instituição que receber o estagiário. O estágio prevê a elaboração de relatórios parciais e um relatório final, nos quais incidirão a avaliação do professor responsável pelo estágio. Às 2.560h/a cursadas em NC e NE somam-se 128 h/a de Núcleos Livres, 128h/a de estágio curricular e 80h/a de atividades complementares obtidas no decorrer do curso por intermédio da participação em cursos livres, em projetos de pesquisa e de extensão, monitoria, participação em eventos e outras atividades científicas e culturais,

devidamente comprovadas com certificados e declarações. Desta forma, a carga horária total do curso é **2.768h/a**, numa distribuição que pode ser visualizada a seguir.

		Núcleo Livre	Processos de museal., turismo e desenvolv.	Tópicos especiais em Museol. II			Núcleo Livre
História, memória e o Patrim. Mundial	História do Brasil	Teorias do objeto e estudos de cult. mat.	Top. Esp. em Museol. I - aplicada a acervos	Museologia e arte brasileira	Estágio curricular I	Estágio curricular II	Estudos de público e avaliação
História dos Museus	Com. Patrim. I - ação educ.	Com. Patrim. II - expografia	Com. Patrim. III - prat. de ed. não-formal	Com. patrim. IV - proj. e mont. exp.	Políticas de preserv. no Brasil	Texto e contexto - visitas téc. e diagnóst.	Espaços museais e arquitetura de museus
Introdução à Museologia	Museologia I	Museologia II	Museologia III	Museologia IV	Princ. de org. e gest. aplic. a museus	Planej. e aval. de instituições museológ.	Museologia interfaces disciplin.
Patrimônio, memória e identidade	Salvag. Patrim. I document. museológ.	Salv. Patrim. II - conserv. prev. e seg.	Salv. III - Reg. e sist. de gerenc. da inform.	Salv. IV - prat. laborat. de conserv.	História e patrimônio de Goiás	Patrim. natural, científico e tecnológico	Trabalho de conclusão de curso
Introdução à Antropol.	Antropol. das Expressões Estéticas	História da arte I	História da arte II	Antropol. e museus	Metod. da pesq. aplicada à Museologia	Sem. de pesq. em Museologia	Legislação patrimonial e ética
1º período	2º período	3º período	4º período	5º período	6º período	7º período	8º período

(Imagem 1: Quadro de distribuição de disciplinas do Bacharelado em Museologia da UFG)

Referências bibliográficas:

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Principais campos da ação museológica.** Comunicação apresentada no seminário Museus e exposições no século XXI: vetores e desafios contemporâneos. São Paulo: CCBB, 20 a 24 de julho de 2004. 5p. (mimeo)

LEWIS. “The systematics of museology, it’s application to ICOM’s international comitees and the role of Icofom”. In: **Museological Working Papers/ Documents de Travail Muséologique (MuWoP/DoTraM)**, n.2. Stockholm: 1981. p 74.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. “A exposição museológica e o conhecimento histórico.” In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.) **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna.** Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 15-84.

RÚSSIO, W. “L’interdisciplinarité em muséologie”. *Museological* In: **Museological Working Papers/ Documents de Travail Muséologique (MuWoP/DoTraM)**, n. 2, p. 58-59. Stockholm, 1981.

¹ Com a implantação do REUNI, a Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Pará propuseram a criação de graduação em Museologia, ambos com início neste semestre.

² Serão oferecidas diferentes versões desta disciplina, como Museologia aplicada a acervos de arte contemporânea, a acervos arqueológicos ou a acervos científicos e tecnológicos, entre outros.